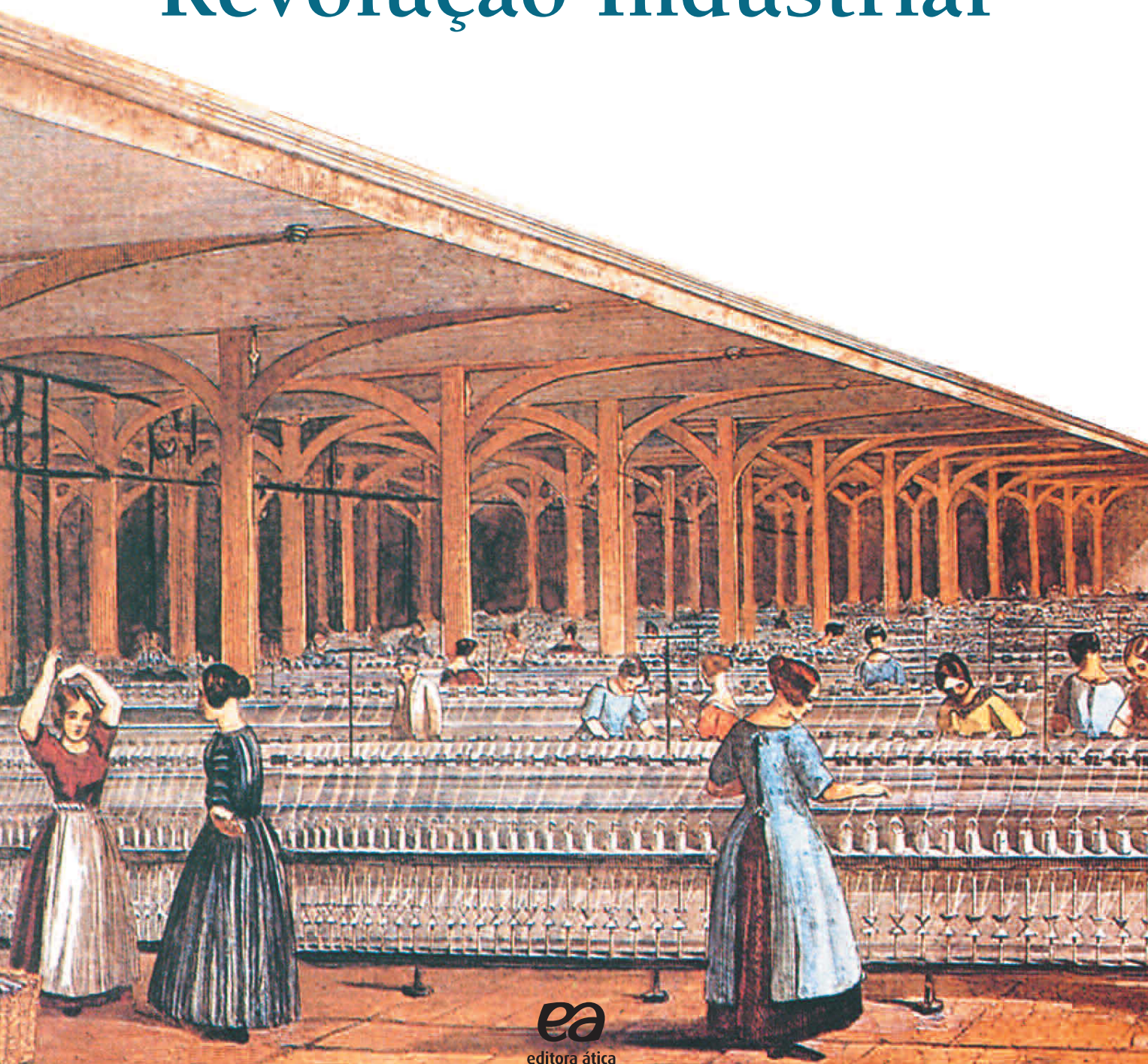


Francisco M. P. Teixeira

Revolução Industrial



Revolução Industrial

© Francisco M. P. Teixeira, 1998

Diretor editorial	Fernando Paixão
Coordenador	Mustafá Yazbek
Coordenadora editorial	Maria Dolores Prades
Editora assistente	Wally Constantino
Preparadores (Uma visão da História)	Reinaldo Seriacopi Gislane Campos Azevedo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Rita Costa

ARTE

Projeto gráfico	Marcos Lisboa
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Moacir K. Matsusaki
Tratamento de imagem	Cesar Wolf
Pesquisa iconográfica	Etoile Shaw

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T694r
12.ed.

Teixeira, Francisco M. P. (Francisco Maria Pires), 1943-
Revolução industrial / Francisco M. P. Teixeira ; ilustrações
Jayme Leão. - 12.ed. - São Paulo : Ática, 2004.
40p. : il. (O Cotidiano da História)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-09056-3

1. Indústrias - Grã-Bretanha - História - Literatura infanto-juvenil. 2. Grã-Bretanha - Condições econômicas - 1760-1860 - Literatura infantojuvenil. 3. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Leão, Jayme. II. Título. III. Série.

11-4538 CDD: 338.0941
CDU: 338.1(410)

ISBN 978 85 08 09056-3
Código da obra CL 732239
CAE: 222205 - AL

2014
12ª edição
9ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



EDIÇÃO
REFORMULADA
E AMPLIADA

Revolução Industrial

Francisco M. P. Teixeira

*Licenciado em História e Filosofia.
Autor de vários livros didáticos destinados ao
Ensino Fundamental e ao Ensino Médio.*

Ilustrações

Jayme Leão



editora ática

Apresentação

Desde o século XVII, diversas pessoas vinham estudando de que maneira se poderia utilizar a energia do vapor para a fabricação de máquinas capazes de substituir o trabalho humano em uma série de atividades. Em 1712, o engenheiro inglês Thomas Newcomen inventou um motor que, aproveitando-se do vapor produzido numa caldeira aquecida, fazia girar uma bomba para retirar a água do fundo das minas de carvão. Embora fosse um modelo primitivo, o invento revelou-se extremamente útil e alcançou grande sucesso em toda a Europa.

O engenheiro escocês James Watt, após estudar o funcionamento desse aparelho, decidiu aperfeiçoá-lo e, em 1769, obteve a patente de uma máquina a vapor cinco vezes mais potente e que poderia ser utilizada por setores produtivos. Isso provocou uma grande expansão da industrialização britânica, dando início à chamada Revolução Industrial.

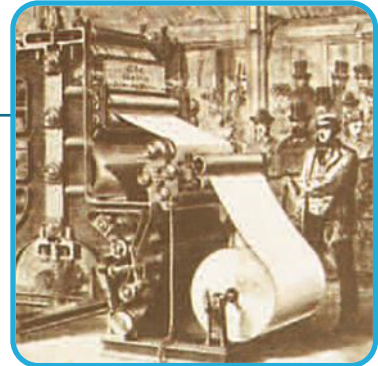
No século seguinte, a Inglaterra já havia se tornado a “fábrica do mundo” e a maior parte de sua produção industrial era exportada. De tecidos e chapéus a trilhos e locomotivas, os ingleses vendiam tudo para todos. Consequentemente, a sociedade inglesa se transformava e passava por mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais, por graves conflitos e contradições em que a burguesia e os trabalhadores eram os principais personagens.

Essas transformações tiveram naturalmente como cenário as grandes cidades. Quase sempre escuras, sujas e feias, cobertas pela fuligem e fumaça, elas geravam imensas fortunas e foram as primeiras a expor os contrastes do mundo industrial. De todas as cidades inglesas, Londres, a capital do reino, surge como a mais importante e a maior, com seus 2 milhões de habitantes, por volta de 1840. É nessa metrópole e nessa época – décadas de 1830-40, decisivas para consolidação industrial da Inglaterra – que se passa a nossa história. Vamos acompanhá-la e seguir os passos de personagens como Simpson, Joan, Chambers e Ward. Reais ou fictícios, todos têm muito a revelar sobre a história da revolução industrial inglesa.

Sumário

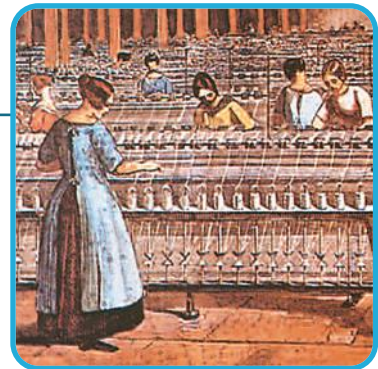
Revolução Industrial

- 5 *Londres*
- 7 *Briga na rua*
- 10 *No Parlamento*
- 12 *A fábrica*
- 17 *Uma reunião perigosa*
- 20 *Tempos difíceis*
- 24 *O Palácio de Cristal*



Uma visão da História

- 29 *Introdução*
- 30 *A Europa antes da Revolução Industrial*
- 30 *Por que a Revolução Industrial começou na Inglaterra*
- 34 *O mercado e o Parlamento*
- 35 *O Império e seus concorrentes*
- 38 *“Paz, poder e prosperidade”*
- 40 *Cronologia*







1

Londres

Sábado, uma bela tarde de sol no fim do verão. Isso também acontece, às vezes, na Inglaterra da chuva, do frio e da névoa. Nesses raros dias, todos aproveitam para se mexer um pouco mais. Os mercados, os cafés e as tabernas se enchem de gente, a multidão cresce ainda mais nas ruas, os parques ficam mais alegres e festivos. “Este dia veio mesmo a calhar, mas Chambers está atrasado”, pensou Simpson, ao ouvir os sinos da catedral de São Paulo anunciando 14 horas.

Anthony Simpson, jovem advogado na casa dos trinta anos, filho de tradicional família manufatureira de Manchester, elegera-se havia pouco tempo deputado para a Câmara dos Comuns. Mas só agora, em 1836, resolvera instalar-se em Londres. Poderia, assim, participar melhor das atividades do Parlamento e ainda cuidar dos negócios da família na capital. Havia alugado um simples mas confortável apartamento em Covent Garden, onde nesse momento aguardava seu amigo de infância George Chambers. Combinaram um passeio pela cidade. Chambers já estava em Londres havia vários anos e, depois de tentar diversos empregos, trabalhava como repórter no *Sunday Times*.

– Então, como vai o brilhante deputado da nossa querida Manchester? – foi perguntando Chambers alegremente ao chegar, vestido com um casaco de linho leve e claro, cuja elegância era comprometida por um bizarro lenço roxo em torno do pescoço.

– O deputado vai bem, mas você chegou atrasado – respondeu Simpson fazendo cara de sério.

– Calma, Simpson, temos tempo. Londres não vai nos escapar. Vamos?

Subiram e a carruagem começou a andar. Tomaram a Strand e seguiram pela Fleet Street rumo à City. O sol da tarde iluminava agradavelmente os edifícios, quebrando um pouco a